



Comunicação COVID19
Ponto de situação 10 de junho

Casos Confirmados

35.600 CASOS DE COVID-19

MAIS 294 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,84%%

Óbitos

1.497 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 5 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,33%)

NORTE-809

CENTRO-245

LISBOA E VALE DO TEJO-412

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

21.742 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.724 AGUARDAM RESULTADOS

344.217 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JAN.

417 INTERNADOS (1,17%) / 70 UCI (0,19%)



Qua. 10 junho

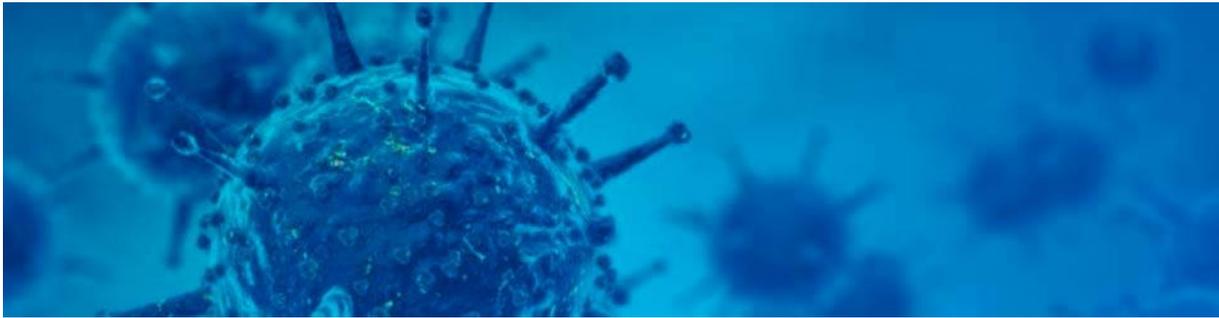
OCDE prevê recessão de 11,3% em 2020 em Portugal com segunda vaga de contágios.

OCDE estima contração de 11,5% na zona euro em 2020.

Países perdem até 15 mil milhões por ano com a contrafação.

BCE já está a preparar "banco mau" para evitar crise bancária-Reuters.

"Portugal não pode fingir que não existiu ou não existe pandemia, como não pode fingir que não existe crise financeira", Marcelo Rebelo de Sousa.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Crise causa perdas fiscais de 5200 milhões. Centeno, o homem que sai quando o excedente acaba. Orçamento Suplementar.

Saúde ganha reforço de 500 milhões de euros. Empresas que invistam têm 20% de desconto no IRC. Défice deste ano será de 6,3% e dívida pública vai chegar a 134,4%. Ajuda à TAP pode ir até 1200 milhões. A morte de Floyd “vai mudar o mundo”, diz Joe Biden. Respostas obrigatórias não dão positiva em muitos exames. Federação abre processo às ligações entre Benfica e Aves. Museu. Ao fim de seis meses, o MAAT reabre com arquitetura elástica. **(Online)-** Há sete dias que os casos ativos de covid-19 estão a aumentar em Portugal. Nova taxa da banca compensa isenção de IVA. Covid-19: Casos em Lisboa aumentam por causa do desconfinamento e porque se está a testar mais. “Temos que estar muito alerta e reforçar que não estamos a voltar à normalidade do passado”, defende a diretora da Escola Nacional de Saúde Pública. PSD e IL querem custo-benefício e listas de espera nas regras das PPP na Saúde. Mais um avaliador de programa da FCT concorre e consegue apoio. Leilão do 5G vai realizar-se até ao final do ano, garante a Anacom. Afinal, quanto plástico de embalagens estamos a reciclar? Governo quer respostas até outubro. Portugal prepara fabrico de combustíveis para aviação com hidrogénio. Lisboa e Porto empatadas como as melhores universidades nacionais no ranking QS. Ambas as instituições ocupam a 357.^a posição a nível global na lista elaborada desde 2012 pela empresa de consultoria britânica Quacquarelli Symonds. Portugal tem sete universidades entre as 1000 elencadas. Nove em cada dez portugueses dizem que corrupção está disseminada no país – Eurobarómetro. Bruxelas propõe reabertura gradual das fronteiras externas a partir de 01 julho



(Edição Digital) Orçamento suplementar: pandemia retira mais de 5 mil milhões à receita de impostos. Sai Centeno, entra Leão. “Temos de aceitar diz Marcelo; partidos dizem não a ida para BdP. João Duque

“Centeno perdeu o sentido de que era muito relevante no Governo”. Alojamento sem sinal de retoma em Lisboa e Porto. Nas praias e no interior há “luz ao fundo do túnel”. Turismo. Presidente da Associação do Alojamento Local vê “horizonte muito carregado” no segundo semestre. Sobre os programas de transição para rendas acessíveis diz que não ajudam o setor, mas quem quer sair dele. Da praia à vila, a Nazaré já prepara verão mais quente (e atípico) de sempre. Pyongyang desliga o telefone a Seul. O que se passa na Coreia do Norte? Estreia da tradutora portuguesa de Dan Brown fechada num bunker. Como Tavares Moreira (1944-2020) ajudou a modernizar o sistema financeiro.



Orçamento Suplementar. Buraco no Estado de 11 mil milhões. TAP recebe cheque até 1,2 mil milhões. Dívida pública vai subir para 134,4%. SNS com reforço de 504%. Mudanças no governo. Centeno sai com mira

no Banco de Portugal. Governador ganha quatro vezes mais do que um ministro. João Leão promovido no Ministério das Finanças. Conheça os heróis da pandemia. Três meses sem tréguas na guerra contra o coronavírus. Alemães procuram corpo de Maddie. Burlão de bitcoin caçado com 3,7 milhões. Político e banqueiro. Cancro mata economista Tavares Moreira. Alta tensão no regresso do futebol. Conceição exige árbitros competentes. Lage sem medo nenhum.



Um leão no reino de Centeno. António Costa promoveu secretário de Estado do Orçamento a ministro das Finanças, apostando na continuidade do rigor orçamental. Discreto e viciado em trabalho,

vai enfrentar crise histórica. João Leão apresentou Orçamento Suplementar que prevê 946 milhões de euros para salvar a TAP. “Ronaldo” do Ecofin bateu com a porta e mantém tabu sobre ida para o Banco de Portugal. Miniférias relançam turismo no Interior. Após quarentena, famílias procuram espaços de Natureza mais isolados para gozar feriados e ponte de sexta-feira. Douro, Minho, Trás-os-Montes e Alentejo são as

regiões beneficiadas. Algarve está longe do normal para a época. Pandemia - Parques fechados para evitar aglomerados em festas urbanas. Calamidade acaba no final do mês se as regras forem todas cumpridas. Os cinco emigrantes que levam longe o nome de Portugal. Investigação. Como dois empresários fabricaram uma burla internacional. Conceição e Lage obrigados a ganhar. George Floyd paira sobre uma América dividida. Bragança. Museu da Língua Portuguesa pronto em dois anos.



Jornal i

(Edição) Dia de Portugal. Por contas nunca dantes navegadas. Mário Centeno foi o único ministro das finanças no pós-25 de abril que conseguiu superávit nas contas públicas. Deixa o Governo no dia em que os partidos tentam impedir a sua ida para o Banco de Portugal. Joacine consegue levar Aristides de Sousa Mendes para o Panteão. Restaurantes assumem papel principal nos Santos Populares. Lisboa deixa de ter regras diferentes, mas novos casos ainda não abrandaram.



negocios.pt

(Online) Segunda vaga de covid atira Portugal para recessão de 11,3%, diz OCDE. Powell já tem a "carne toda no assador", mas há espaço para mais. Dona da Zara sofre primeiro prejuízo da história e acelera fecho de lojas. Portugal vai reembolsar 8.000 milhões na próxima semana. Já tem o dinheiro. João Leão, o "economista completo" que come polvo e foge dos holofotes. Projetos de lei aprovados no Parlamento não travam Centeno no Banco de Portugal. Sucessão de Centeno no Eurogrupo? Gualtieri junta-se a Calviño e Gramegna. Rio diz que período de nojo de cinco anos para governantes no BdP é exagero. O IGCP realizou esta quarta-feira um duplo leilão de obrigações, tendo encaixado um total de 1.505 milhões de euros, com um custo de financiamento mais baixo do que na emissão realizada em maio.



(Online)- OCDE mais pessimista que FMI para Portugal. Vê PIB cair entre 9,4% e 11,3%. As projeções económicas para a economia portuguesa divulgadas esta quarta-feira são mais negativas do que as da Comissão Europeia ou do Fundo Monetário Internacional. Carga fiscal deverá cair em 2020. Conselho de Ministros terminou com aplausos a Mário Centeno. Países perdem até 15 mil milhões por ano com a contrafação. Governo quer entregar Orçamento do Estado para 2021 a 10 de outubro. É um sábado.



(Online) OCDE prevê recessão de 11,3% em 2020 em Portugal com segunda vaga de contágios. Bruxelas dá 'luz verde' a pedido do Governo para auxílio de 1,2 mil milhões à TAP. Marcelo assinala Dia de Portugal em Lisboa com programa mínimo. OMS recua e diz que, afinal, ainda há muito que não se sabe sobre a transmissão do vírus por assintomáticos. Portugal emite 1.505 milhões de euros em leilão duplo e paga 0,595% em dívida a dez anos. Carlos Costa poderá ter de ficar no Banco de Portugal até à 'rentrée'.



(Online) TAP. Bruxelas aprova ajuda, mas quer reestruturação. OCDE. Défice dispara e dívida explode para 140% do PIB. Centros comerciais de Lisboa reabrem na segunda-feira. Contrafação tira 331 milhões de euros à economia nacional.



(Online) As últimas contas (certas?) de Centeno. O último orçamento de Centeno aponta para o regresso a défices do tempo da troika e uma dívida pública recorde. A culpa é do Covid e da queda da economia. Contas certas? Será João Leão a responder. Um ministro atirado aos leões (mas só na economia). Não haverá outro exemplo de um ministro das Finanças que recebe a pasta num momento tão difícil e imprevisível na economia. Mas João Leão deverá ser, pelo menos para já, poupado ao combate político. OCDE

admite que economia nacional caia 11,3%. OCDE. “A recuperação será mais lenta” na economia. Centeno não será deputado. OMS: Assintomáticos, afinal, transmitem Covid-19. Desporto fica fora do Programa de Estabilidade. Morreu Tavares Moreira, antigo governador do Banco de Portugal. BCE já está a preparar "banco mau" para evitar crise bancária. Reuters noticia que o BCE já está a conceber aquilo que assumirá a forma de um "banco mau", capaz de absorver crédito malparado na banca europeia relacionado com a pandemia Covid-19.



(Online) 10 de Junho. Marcelo alerta para riscos de "cálculos pessoais" e pede que o país (e a política) "acorde para a realidade". Marcelo vai condecorar profissionais que trataram primeiro doente Covid. O último

ato de Centeno: “Vai ser um ano difícil... Não vejo como possa haver qualquer receio.... João?”. OCDE, mais pessimista do que Centeno, estima recessão de 11,3% este ano (e uma recuperação lenta). Bruxelas aprova injeção de 1,2 mil milhões para a TAP. Mas obriga a reestruturar. Covid-19: Bolsonaro forçado a divulgar dados, Brasil no topo dos óbitos diários. As quatro horas do funeral do homem que “vai mudar o mundo”. "Sistematicamente oprimido". Dicionário mais antigo nos Estados Unidos, definição de "racismo". Ao fim de 34 anos, Suécia conhece o alegado assassino de Olof Palme: Stig Engstrom. Morreu há 20 anos. Marcelo diz que Centeno “fica para a História” e elogia lógica de Costa na escolha do sucessor. Autoridades europeias desmantelam rede que pirateava serviços em “streaming” em nove países. Reestruturação da TAP vai implicar cortes e encolhimento da companhia.



(Online) APA divulga capacidade máxima de praias por todo o país.

OMS volta atrás e assume que assintomáticos transmitem covid-19.

Aprovado “período de nojo” para governantes transitarem para

Banco de Portugal no dia em que Centeno deixa Executivo. “Não deixa de ser uma ironia do destino”, notou deputada do CDS. Fronteiras. Há voos para outros países mas por terra o controlo mantém-se.



(Online)- Dia de Portugal com seis convidados; Mais 819 mortes nos EUA. Bruxelas dá 'luz verde' a apoio urgente de liquidez de Governo à TAP. Será um "ano difícil", mas "recuperação já se começa a visualizar", Mário Centeno. China considera "ridículo" estudo que aponta que Covid surgiu em agosto.

SÁBADO

(Online) As principais medidas do Orçamento Suplementar para combater a crise. O adeus a George Floyd com um recado de Joe Biden: "É hora da justiça racial". Donald Trump sugere que idoso ferido pela polícia pode ter encenado o episódio. Emirados Árabes Unidos vão enviar uma missão a Marte.

VISÃO

(Online) Um "ano difícil, mas com a recuperação à espreita. Os números do Orçamento Suplementar que o Governo aprovou. De professor a secretário de Estado – e, agora, ministro das Finanças. Quem é João Leão? Limite ao endividamento do Estado duplica. Governo conta com apoio da UE e bons ventos dos mercados. Covid-19: Situação de calamidade vai continuar até ao final do mês de junho, anuncia Costa. Covid-19: É cada vez mais certo que tenha havido um intermediário entre o morcego e o homem, mas o culpado continua embrulhado num imenso mistério.



Bandeira içada. Dia de Portugal assinalado com apenas seis convidados. Bruxelas dá 'luz verde' a injeção de 1,2 mil milhões à TAP. Foi o Homem Skandia. Ao fim de 34 anos foi identificado o assassino de Olof Palme. Olof Palme foi assassinado numa rua de Estocolmo quando regressava com a esposa do cinema na noite de 28 de Fevereiro de 1986. Rio considera que Centeno sai de "forma relativamente inglória". Presidente do PSD acredita que "algo estava bastante mal" entre o ministro das Finanças e o primeiro-ministro.



Centeno, um nome para a História. O tecnocrata que fez o que parecia impossível. Bruxelas dá "luz verde" ao plano de Portugal para apoiar TAP com 1.2 mil milhões. 10 junho. Marcelo assinala Dia de Portugal em Lisboa com programa mínimo. Tribunal de Bragança adiou para esta quarta-feira decisão sobre suspeitos do caso de estudante cabo-verdiano. Suécia identifica assassino de Olof Palme após 34 anos. Lei da segurança que Pequim quer impor a Hong Kong preocupa Portugal. Covid-19 é o "maior pesadelo" de especialista norte-americano de doenças infecciosas. Resíduos de minas alentejanas dão origem a produtos eco-inovadores.



Marcelo assinala Dia de Portugal em Lisboa com programa mínimo. Mário Centeno garante continuidade da política orçamental. Marcelo Rebelo de Sousa respeita saída de Mário Centeno e deixa elogios. Covid-19. Laboratório de Singapura inicia testes de medicamento em seres humanos. Presidente iraniano: "Quebrámos o joelho dos EUA que estava sobre o nosso pescoço". Cordão humano em defesa do Hospital dos Covões. Perspetivas económicas da OCDE marcadas pela incerteza. Reconhecimento facial. IBM suspende colaboração com polícia dos EUA. Regresso de adeptos a estádios de futebol não está a ser equacionado, diz DGS.

O QUE SE PASSA? QUANDO VINHA PARA CÁ, CRUZEI-ME COM VÁRIOS MASCARADOS.



NÃO SEI COMO LHE EXPLICAR O QUE ACONTECEU ESTE ANO...



NÃO ME DIGA QUE SE TORNARAM TODOS ASSALTANTES DE BANCOS?



NÃO, OS MAIORES ASSALTANTES DE BANCOS NÃO PRECISAM DE MÁSCARA, FAZEM TUDO ÀS CLARAS, IMPUNEMENTE. TAMBÉM NÃO SEI COMO LHE EXPLICAR ISSO...



Ceus

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ Vírus já matou mais de 407 mil pessoas e infetou 7,1 milhões no **MUNDO**.
- ❑ **ESPAÑA** sem mortes registadas pelo segundo dia consecutivo.
- ❑ **ITÁLIA** regista 47 mortos em 24 horas, menor número diário desde março.
- ❑ O número de pacientes nas unidades de cuidados intensivos continua a diminuir em **FRANÇA**, sendo agora menos de 1.000, mas o país registou 87 mortos em hospitais e lares nas últimas 24 horas
- ❑ **ALEMANHA** regista mais 318 infeções e 18 mortes pela Covid-19.
- ❑ **REINO UNIDO** regista mais 286 mortes. Total de 40.883 mortes.
- ❑ Novos casos sobem na **BÉLGICA** para 132 e mortes recuam para 10.
- ❑ **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** registaram 819 mortos devido à covid-19 nas últimas 24 horas, elevando o total para 111.750 mil óbitos desde o início da pandemia,
- ❑ **BRASIL** totaliza 38.406 mortos e 739.503 casos confirmados de covid-19 desde o início da pandemia. Governo brasileiro divulga morte de 82 indígenas, mas ONG aponta para 218 óbitos.
- ❑ **ÁFRICA** ultrapassa os 200 mil casos confirmados.
- ❑ **CHINA** deteta três casos nas últimas 24 horas. China considera “ridículo” estudo que aponta que doença surgiu em agosto.
- ❑ **RÚSSIA** regista 8404 novos casos e 216 mortes.
- ❑ **MÉXICO** regista mais 596 mortos, totalizando 14.649 óbitos.
- ❑ **ARGENTINA** regista mais de mil novos casos num dia pela primeira vez.



FRASES DO DIA

- **“Trata-se de uma crise profunda e súbita e temos de responder com políticas capazes de enfrentar o desafio. Importa concentrar os esforços em políticas de estabilização e apoio ao emprego, às empresas e às famílias, para que possam manter os seus rendimentos. É preciso conseguir o equilíbrio entre o crescimento da economia e do emprego e das contas certas, pelo outro lado”, João Leão, Secretário de Estado do Orçamento, futuro Ministro de Estado e das Finanças.**
- **“É o fim de um ciclo longo com 1.664 dias como ministro, dos mais de 900 dias em acumulação com a presidência do Eurogrupo. Os números fizeram parte do trajeto, sempre estiveram certos e quero deixar um testemunho da certeza de que vão continuar a estar certos”, Mário Centeno, Ministro das Finanças demissionário.**
- **"Foi e ainda é um grande ministro das Finanças, contribuiu muito para o prestígio externo de Portugal, nomeadamente na União Europeia, como presidente do Eurogrupo, e foi certamente das principais personalidades políticas dos últimos anos na vida nacional", Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.**
- **“Mário Centeno foi "o melhor ministro das Finanças de Portugal de sempre. Se Portugal hoje tem o enorme prestígio na Europa e no mundo, isso deve-se muito ao primeiro-ministro António Costa, mas também ao ministro das Finanças, Mário Centeno", Ana Catarina Mendes, Presidente do Grupo Parlamentar do PS**
- **“Um ministro das Finanças popular já de si é uma raridade. Um Governo a fazer uma remodelação pouco mais de seis meses depois de tomar posse, prescindindo do seu ministro mais popular, também não é comum. A saída de Mário Centeno ficará para a história pela sua originalidade.”, Susana Peralta, Professora de Economia na Nova SBE.**

- **“O Mário dirigiu o Eurogrupo com habilidade e mão firme, e sempre com o maior interesse europeu em mente”,** Valdis Dombrovskis, vice-presidente executivo da Comissão Europeia.
- **“Mário Centeno teve sorte, e trabalhou para ela. Fica na história por causa do excedente, mas saiu na pior altura, quando o Governo e o país mais precisavam de um Ronaldo nas Finanças. Ao Ronaldo pede-se que jogue nos jogos mais importantes, naqueles mesmo decisivos, nas finais.”,** António Costa, Publisher do ECO.
- **“Mário Centeno foi um ministro das Finanças muito competente em momentos difíceis, serviu bem a Europa como Presidente do Eurogrupo”,** Elisa Ferreira, Comissária Europeia da Coesão e Reformas
- **“No teatro não há percursos individuais.”,** Tiago Rodrigues, Prémio Pessoa 2020, encenador, criador, ator e diretor do Teatro D. Maria II.
- **“Não está prevista nenhuma verba para injeção adicional no Novo Banco em 2020”,** Ricardo Mourinho Félix, Secretário de Estado das Finanças.
- **“O Governo e o PSD bem se esforçam para nos convencer que querem usar o dinheiro da Europa de modos diferentes, mas é tudo farinha do mesmo saco que se distingue apenas por nuances, enfases e paladares.”,** José Miguel Júdice, Comentador.
- **"Camões desconfinou Portugal",** D. José Tolentino de Mendonça, Cardeal.
- **"Uma comunidade desvitaliza-se quando perde a dimensão humana. Quando deixa de colocar as pessoas no centro. Reforçar o pacto comunitário implica entre nós relançar a aliança intergeracional. O pior que nos podia acontecer seria arrumar a sociedade em faixas etárias. Precisamos de uma visão mais inclusiva. É um erro pensarmos uma geração como um peso",** D. José Tolentino de Mendonça, Cardeal.
- **“Na atual situação de emergência sanitária, em vários países, muitas crianças e adolescentes são obrigados a trabalhar, em empregos desadequados para a sua idade, para ajudar as suas famílias em condições de extrema pobreza. Em muitos casos, estas são formas de escravatura e reclusão, resultando em sofrimentos físico e psicológico.”,** Papa Francisco.

- “Percebemos mesmo aquilo que falhou?”, na saúde, no privado, no social. E que “temos nos meses próximos uma oportunidade única para mudar o que temos de mudar”. “Portugal não pode fingir que não existiu ou não existe pandemia, como não pode fingir que não existe crise financeira”. E 2020 é “o momento para acordarmos todos para essa realidade”, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.





ARTIGOS SELECIONADOS

ESTES SÃO OS 7 NÚMEROS QUE MARCAM O ORÇAMENTO SUPLEMENTAR

O último Orçamento Suplementar elaborado por Mário Centeno será o primeiro a ser defendido por João Leão, o próximo ministro das Finanças. Eis os números que marcam o retificativo ao OE 2020.

A pandemia levou a uma retificação ao Orçamento do Estado para 2020 que se formalizou na proposta de Orçamento Suplementar que o Governo entregou esta terça-feira à Assembleia da República. É um documento completamente diferente, com números que já não se via há alguns anos e outros mesmos históricos: é o caso do défice e da dívida pública.

DÉFICE ORÇAMENTAL VAI CHEGAR AOS 6,3% DO PIB

A despesa pública vai crescer 13,1% em 2020, mais 11,8 mil milhões de euros do que o executado em 2019. A subida a pique dos gastos públicos por causa da crise pandémica, aliada à queda abrupta da receita, vão abrir um buraco orçamental de 13.675 milhões de euros, o que em percentagem do PIB significa um défice de 6,3%. A concretizar-se a previsão, será o maior desde 2011 (7,7%). Em 2021, deverá ficar abaixo dos 3%, segundo disse João Leão, o próximo ministro das Finanças.

DÍVIDA PÚBLICA QUEBRA MÁXIMOS HISTÓRICOS

Numa trajetória descendente há vários anos consecutivos, o rácio da dívida pública vai dar um salto de 16,7 pontos percentuais, passando dos 117,7% do PIB com que fechou 2019 para os 134,4% do PIB em 2020 por causa da pandemia. Este é o resultado do efeito conjugado do défice de 6,3% e da quebra do PIB de 6,7%. “Este aumento [da dívida] é — em parte, mas apenas uma pequena parte — justificado por uma deterioração do saldo primário que tem um peso de 3,2 pontos percentuais nesta

evolução e é maioritariamente justificado pela queda do PIB, que se estima em 6,9% de taxa de crescimento negativa em 2020”, explicou Centeno.

ESTADO GASTA NO MÁXIMO 1.200 MILHÕES DE EUROS COM A TAP ESTE ANO

O Orçamento Suplementar tem uma verba de 1.200 milhões de euros para a TAP, mas nem todo o valor poderá vir a ser utilizado. Este é montante máximo com uma componente para o cenário base mais um adicional de precaução por causa da situação que se vive no setor da aviação, explicou o secretário de Estado do Tesouro, Álvaro Novo. Contudo, no Orçamento Suplementar consta uma verba de 946 milhões de euros como o valor provável para o empréstimo do Estado à TAP. Neste momento, o processo relativo à ajuda pública para a companhia aérea aguarda a decisão da Comissão Europeia.

ENDIVIDAMENTO LÍQUIDO SOBE PARA OS 20 MIL MILHÕES DE EUROS

Do OE2020 para o Orçamento Suplementar, o endividamento líquido duplicou de 10 mil milhões para os 20,3 mil milhões de euros para fazer face ao maior nível de despesa e ao “buraco” orçamental criado pela queda abrupta da receita. As maiores necessidades de financiamento do Estado em virtude da pandemia trouxeram uma outra novidade: o Tesouro vai voltar a recorrer às obrigações do Tesouro de rendimento variável (OTRV).

DESPESA COM SUBSÍDIOS SOBE 233,3%

De 2019 para 2020, a despesa pública com subsídios vai subir 233,3%, passando de 887 milhões de euros para os 2.957 milhões de euros. Esta é a categoria de despesa com a evolução mais expressiva, o que reflete o “aumento de mais de 2.000 milhões de euros face ao valor de 2019” por causa das despesas com as medidas de apoio às empresas, como o lay-off simplificado, o incentivo extraordinário à normalização da atividade empresarial e o apoio à retoma progressiva.

PEES CUSTA 1.635 MILHÕES DE EUROS

Apesar do Programa de Estabilização Económica e Social (PEES) poder vir a dar um estímulo de 5 mil milhões de euros, incluindo as medidas financeiras, o custo que terá para os Orçamento do Estado será de 1.635 milhões de euros, de acordo com este quadro do Orçamento Suplementar. Desse montante, 1.182 milhões de euros serão

financiados (e não pagos, uma vez que é sob a forma de empréstimo) pelo programa de apoio ao emprego da Comissão Europeia, o SURE.

CONTRATOS PÚBLICOS ATÉ 750 MIL EUROS SEM VISTO PRÉVIO

A proposta de alteração do Orçamento Suplementar concretiza a intenção estabelecida no PEES de que os contratos públicos até 750 mil euros não venham a precisar de visto prévio do Tribunal de Contas. Esta foi uma proposta da própria entidade, duplicando o atual limiar dos 350 mil euros. Além disso, o Governo decidiu também tornar possível que haja adjudicações acima do preço base quando os concursos ficam desertos. Ambas as medidas têm como objetivo agilizar a execução do investimento público.

Fonte: ECO

COMISSÃO EUROPEIA DIZ TER “PROVAS SUFICIENTES” DE DESINFORMAÇÃO CHINESA SOBRE SURTO

A Comissão Europeia afirma ter “provas suficientes” da existência de propaganda chinesa na Europa relativa ao surto de covid-19, um “novo fenómeno” que se junta à desinformação russa e à propagação de informação falsa por “atores europeus”.

“Temos provas suficientes para perceber como é que a propaganda chinesa funciona e como tem funcionado nesta crise da covid-19 e, devido a essas provas, penso que é altura de dizermos a verdade, de informar as pessoas”, declarou a vice-presidente da Comissão Europeia com a pasta dos Valores e Transparência, Vera Jourová.

Falando com um grupo de jornalistas em Bruxelas, incluindo a agência Lusa, a propósito da comunicação hoje adotada pelo colégio de comissários sobre desinformação no contexto da pandemia da covid-19, a responsável acrescentou que estas evidências “foram recolhidas pelo Serviço Europeu de Ação Externa”.

“Tomámos conhecimento de uma série de acusações, como a que o novo coronavírus foi desenvolvido em laboratórios norte-americanos e sobre uma promoção exagerada do apoio da China à UE, com muita propaganda que indica que os Estados-membros e as instituições democráticas europeias não foram capazes de lidar com a crise”, precisou Vera Jourová.

De acordo com a vice-presidente do executivo comunitário, “há uma série de situações em massa deste género e este é um novo fenómeno, com comunicação mais assertiva no território europeu e dirigida aos cidadãos europeus” por parte de Pequim.

Além da China, também a Rússia foi identificada como “promotora ou fonte de desinformação”, naquela que é “a primeira vez” que a União Europeia (UE) assinala tão claramente estas origens de ‘fake news’.

“Claro que, no que toca à Rússia não é nenhuma novidade porque eles têm a desinformação incluída na doutrina militar, mas a China é pela primeira vez assinalada e fico satisfeita por o termos feito porque se existem provas, não nos devemos comedir de o apontar”, acrescentou Vera Jourová.

Para responder a estas questões, a responsável defendeu um reforço da “cooperação interna e também ao nível da NATO [Organização do Tratado do Atlântico Norte] e do G7 [grupo de potências mundiais] porque a desinformação é uma ameaça híbrida e, por isso, uma questão de segurança”.

“Temos de limpar a nossa própria casa e temos de reforçar a nossa estratégia de comunicação e as ligações diplomáticas”, sublinhou Vera Jourová, numa alusão aos “diferentes atores” que, dentro da Europa, “atuam como inimigos exteriores”.

“Estou a falar de diferentes grupos extremistas, forças políticas com programas nacionalistas, diferentes grupos que também visam a incitação à disrupção e violência na UE”, especificou.

Vera Jourová deu ainda como exemplo o desastre nuclear de Chernobyl, “em que as pessoas não estavam informadas sobre a situação e as suas consequências”, rejeitando casos destes na Europa em altura de pandemia.

Já admitindo que, por vezes, “é difícil detetar a origem” destes casos de desinformação a nível comunitário, a vice-presidente da Comissão Europeia defendeu maior transparência por parte das plataformas digitais e apoios à imprensa independente e aos investigadores.

“A pandemia de covid-19 evidenciou uma enorme onda de desinformação e mostrou-nos que a informação falsa pode criar sérias consequências, matar cidadãos e enfraquecer a confiança nas instituições e, conseqüentemente, as medidas tomadas”, adiantou Vera Jourová.

Recentemente, o Serviço Europeu de Ação Externa esteve envolvido numa polémica por alegada cedência a pressões da China num relatório sobre desinformação, com o jornal norte-americano New York Times a avançar no final de abril que a linguagem do documento foi suavizada por influência de Pequim, o que Bruxelas rejeitou.

Fonte: Agência Lusa



OPINIÃO

O PRIMEIRO EXCEDENTE DE UMA OPORTUNIDADE PERDIDA

Para a maioria dos observadores, Mário Centeno foi um excelente ministro das Finanças. Não é essa a opinião do autor.

Mário Centeno sai sete meses e 14 dias após tomar posse como ministro das Finanças do XXII Governo Constitucional, sendo o ministro mais popular do atual Governo com 30,2% de opiniões favoráveis em meados de maio.

O trabalho e o empenho de Mário Centeno no cargo são-lhe reconhecidos. Terá contribuído para convencer as autoridades europeias a não aplicarem sanções a Portugal em 2016, se bem que, dado o contexto político da altura, as autoridades europeias iriam ter algum pejo em aplicar sanções a um governo de esquerda recém-eleito.

Teve a capacidade de negociar à esquerda e com o PS os entendimentos possíveis, de esticar a corda sem a romper. A política orçamental que promoveu, sem medidas de austeridade adicionais e com alguma reposição de rendimentos, foi positiva.

Esteve envolvido em muita polémica, foi muito criticado publicamente, e soube encaixar essas críticas, algo nada fácil quando se está sob os holofotes da opinião pública.

A sua postura muito “establishment” terá provavelmente sido bem recebida por analistas financeiros, investidores e agências de rating. Um “par de mãos seguras” à frente do Ministério das Finanças de Portugal.

Certamente ficará na história como o primeiro ministro das Finanças pós-25 de Abril que pôde apresentar um excedente nas contas públicas.

Mas, como se refere abaixo, algumas decisões com responsabilidade determinante do ministro das Finanças, embora não exclusiva, foram, no meu entender, bastante negativas para o país.

... grandes decisões sistematicamente erradas

Com efeito, nas decisões economicamente mais importantes, em minha opinião, Centeno não esteve bem.

A sua gestão arrojada do dossier da banca, incluindo Banif, Novo Banco e Caixa Geral de Depósitos, onde “estoirou” mais de 11 mil milhões de euros de dinheiros públicos (além do valor patrimonial dos bancos) e onde doou o Banif e o Novo Banco a interesses estrangeiros, ficará para a história pelos maus motivos.

Na gestão da dívida, não se esperava que defendesse a necessidade de reestruturação da dívida externa do país – que era e continua a ser tão necessária – e é certo que impediu que a maturidade média da dívida pública aumentasse mais, mas patrocinou uma estratégia de gestão da dívida incorreta e dispendiosa, de que resultaram custos desnecessários para o erário público certamente próximos de outros 10 mil milhões de euros.

Na estratégia orçamental, obcecada pelo défice e pela dívida, perdeu uma oportunidade única para promover crescimento económico mais robusto, oportunidade que pós-covid-19 dificilmente o país voltará a ter.

No Eurogrupo, a sua prestação foi percebida como mais próxima do interesse dos Estados-membros credores do que dos Estados-membros devedores.

Para a maioria dos observadores, Mário Centeno foi um excelente ministro das Finanças.

Não é essa a opinião do autor.

Ricardo Amaral, Economista

Fonte: **Público**

MENOS GLOBALIZAÇÃO, MAIS MULTILATERALISMO - KEMAL DERVIŞ

Embora hoje seja desejável um certo grau de desglobalização, esse processo também acarreta riscos graves, desde o disparar dos custos de produção à possibilidade de emergência de conflitos geopolíticos. A única maneira de mitigar esses riscos é através de uma cooperação multilateral aprimorada.

WASHINGTON, DC - Com a catástrofe do COVID-19 a revelar as vulnerabilidades inerentes a uma economia global hiperligada, parece cada vez mais inevitável alguns impulsos de desglobalização. Até certo ponto, isso pode ser desejável. Mas para alcançar resultados positivos dependerá de um multilateralismo profundo, inclusivo e eficaz.

Um dos mais poderosos fatores de apoio à desglobalização é a vulnerabilidade de modelos de produção que dependem de cadeias de abastecimentos globais longas e complexas, que sacrificaram a robustez e a resiliência no altar da eficiência a curto prazo e da redução de custos. Com muitas empresas e indústrias dependentes de fornecedores distantes - e sem alternativas - nenhuma parte dessas cadeias de valor pode funcionar, a menos que todas as partes funcionem harmoniosamente. E como a crise do COVID-19 mostrou, nunca se sabe quando as peças deixarão de funcionar.

Isto é especialmente verdade no que diz respeito à China, um hub global da cadeia de abastecimentos. O país é central na produção de uma ampla gama de produtos de consumo comuns, incluindo telemóveis, computadores e utensílios domésticos. Além disso, é o maior fornecedor mundial de ingredientes farmacêuticos ativos; portanto, uma crise que afeta a produção pode interromper os suprimentos médicos em todo o mundo.

Não deveria ser surpreendente, então, que o encerramento da China pela COVID-19 afetasse imediatamente a produção global. Felizmente, a China parece ter controlado o coronavírus e a atividade económica no país está a voltar ao normal, portanto a interrupção foi limitada. Mas não há garantia de que a próxima interrupção não seja mais grave ou dure mais tempo.

Tal interrupção pode ocorrer sob a forma de outra crise de saúde pública ou de um desastre natural. Mas também pode ser uma decisão política - o que os cientistas políticos Henry Farrell e Abraham L. Newman chamam de "interdependência armada". Isto foi motivo de apreensão mesmo antes da pandemia, quando os Estados Unidos invocaram preocupações de segurança nacional para bloquear o acesso da gigante chinesa de telecomunicações Huawei aos seus mercados e restringir o acesso a tecnologias e fornecedores dos EUA. Muitos governos também estão a intensificar o escrutínio dos investimentos estrangeiros, diminuindo os limiares além dos quais as restrições são acionadas, aumentando o número de setores considerados estratégicos e trabalhando para repatriar a produção nessas áreas.

Muitos ativistas climáticos também pedem mais produção local. O transporte global emitiu 796 milhões de toneladas de dióxido de carbono em 2012, representando cerca de 2,2% do total de emissões antrópicas de CO₂ naquele ano, segundo a Organização Marítima Internacional. Reduzir as distâncias de transportes dos bens contribuiria para o cumprimento das metas mundiais de redução de emissões. Mas a que custo?

Esforços para impedir o "vazamento de carbono" - quando as empresas afastam a produção de países que implementaram medidas fortes de redução de emissões (como preços do carbono, mecanismos de limite e troca ou regulamentações rígidas) - também implicariam alguma desglobalização. Alguns já defendem impostos nas fronteiras de carbono para desencorajar esse fenômeno - uma abordagem que fortaleceria o incentivo à produção local.

Tudo isso sugere que algum grau de desglobalização, com ênfase na robustez e sustentabilidade, pode ser inevitável e desejável. Mas esse processo acarreta riscos sérios, desde os custos de produção disparados ao conflito geopolítico.

Certamente, algum aumento nos custos de produção será inevitável, pois os países tentam diversificar suas cadeias de suprimentos e criar mais redundância nelas. E pode não ser muito difícil para economias muito grandes cobrirem os custos de diversificar sua produção. Porém, economias pequenas e médias considerariam os custos proibitivos. Os países que tentassem estocar suprimentos de bens vitais também enfrentariam restrições de custos.

As preocupações climáticas e os impostos nas fronteiras de carbono podem agravar o problema, estimulando ciclos de retaliação e intensificando a tensão no comércio internacional. Da mesma forma, reduzir o comércio e o investimento estrangeiro em nome da segurança nacional pode realmente aumentar as tensões políticas e, ao estimular um ciclo de represálias, colocar as economias em uma espiral descendente.

O surgimento de dois grandes e diversificados blocos centrados nos EUA e na China pode reduzir alguns dos custos econômicos da desglobalização. Mas isso também prejudicaria a agência da maioria dos países (que seria forçada a escolher um lado), politizaria ainda mais a economia global e destruiria a legitimidade da ordem internacional. Além disso, entrincheirando uma rivalidade volátil a longo prazo, representaria uma grave ameaça à paz. A adição de um terceiro bloco, compreendendo a União Europeia e outras economias orientadas para a cooperação, não faria muito para compensar essas desvantagens.

Uma abordagem melhor seria baseada em formas eficazes de cooperação multilateral e global. Para garantir uma preparação pandêmica adequada, por exemplo, o mundo deve desenvolver um sistema de alerta precoce compartilhado mais ambicioso e concordar em estocar equipamentos médicos em centros regionais, supervisionados pela Organização Mundial da Saúde, com políticas estabelecidas de compartilhamento de custos e planos flexíveis de implantação. Da mesma forma, protocolos e financiamento para o rápido desenvolvimento de vacinas e capacidade de produção devem ser acordados (e continuamente atualizados). Isso colocaria o mundo em uma posição mais forte para gerenciar um surto de doença em larga escala do que uma abordagem de cada país por si.

No domínio da segurança nacional, os países devem trabalhar juntos para desenvolver o que são essencialmente "tratados de controle de armas" para o ciberespaço, governança de dados, inteligência artificial e bioengenharia. Tais acordos devem impedir uma corrida perigosa para armamento de novas tecnologias, incentivando a inovação que aumenta o bem-estar e a segurança humana.

Sobre as mudanças climáticas, são necessárias políticas muito mais ambiciosas para atingir a meta global - consagrada no acordo climático de Paris de 2015 - de emissões líquidas zero até 2050. Declarações de intenção e pressão dos colegas não serão

suficientes. Os impostos sobre as fronteiras de carbono, como parte de uma estrutura acordada internacionalmente que inclui apoio financeiro a países menos desenvolvidos, podem acelerar o progresso consideravelmente, sem os efeitos negativos de medidas ad hoc .

"O COVID-19 é o último prego no caixão da globalização" , declarou Carmen Reinhart , a nova economista-chefe do Banco Mundial, recentemente preocupada. Mas alguma desglobalização não precisa significar um desastre econômico. Com uma cooperação global eficaz e renovada, os custos podem ser limitados e os benefícios - robustez, segurança e sustentabilidade - podem ser maximizados. Construir um novo multilateralismo não será fácil; pode até parecer impossível, principalmente pelo desrespeito do presidente Donald Trump pela cooperação. Mas um novo governo dos EUA acabará surgindo. De qualquer forma, dados os riscos das alternativas, não tentar não é uma opção.

Kemal Derviş, ex-ministro de assuntos económicos da Turquia e administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, membro do Brookings Institution.

Fonte: Project Syndicate

GARANTIR A CIBERSEGURANÇA PARA INFRAESTRUTURA CIVIL CRÍTICA

Embora o mundo exija há muito tempo uma abordagem mais sistemática da segurança cibernética, a questão veio à tona como resultado da pandemia do COVID-19. O fato de que os ataques cibernéticos estão cada vez mais direcionados às unidades de saúde ressalta a necessidade de uma resposta política rápida e concertada.

STANFORD - A pandemia do COVID-19 nos lembrou que enfermeiros, médicos e outros profissionais de saúde não apenas desempenham um papel essencial para nos manter seguros e saudáveis, mas também às vezes precisam arriscar suas próprias vidas e saúde para fazê-lo. Durante toda a crise, eles foram aplaudidos com razão por seus sacrifícios. Mas, para garantir que eles sejam totalmente apoiados no desempenho de seus trabalhos, também devemos reconhecer a importância das tecnologias que

sustentam o sistema de saúde moderno. Não precisamos aplaudir o software, mas precisamos garantir que ele seja resiliente contra ameaças externas.

A cibersegurança é crucial para proteger comunidades vulneráveis, e os profissionais de saúde não são exceção. Além dos desafios que enfrentam ao trabalhar horas extras para ajudar os pacientes do COVID-19, eles também precisam enfrentar ataques cibernéticos implacáveis, justamente quando têm menos largura de banda para se defender. Usando campanhas de ransomware em larga escala e técnicas de direcionamento altamente sofisticadas, os hackers estão selecionando hospitais, instalações médicas e laboratórios de vacinas. Nos últimos dois meses, esses ataques ocorreram a cada três dias.

Precisamos fazer mais para proteger as comunidades vulneráveis onde quer que estejam sob ataque, entender os motivos e métodos dos agressores e pressionar por melhores proteções legais e um comportamento mais responsável on-line. Se criminosos ou estados hostis ameaçassem os profissionais de saúde com armas físicas, o clamor seria imediato e ensurdecido. Então, por que não vimos uma reação semelhante a esses ataques cibernéticos?

Parte do problema é que ainda estamos tentando recuperar o atraso. Incidentes anteriores, como o WannaCry e NotPetya ransomware ataques em 2017 não solicitaram a resposta coletiva grave que eles deveriam ter. Além disso, a inundação de desinformação - um "infodêmico" - durante a pandemia agravou a ameaça. Segundo a Organização Mundial da Saúde, durante uma pandemia, um infodêmico pode ser tão perigoso quanto o próprio vírus.

Mas, além das ameaças específicas do setor, o ciberespaço também sofre com problemas de responsabilidade mais amplos e duradouros. Existe uma persistente falta de consistência em como o direito internacional é aplicado e aplicado. Muitos países têm uma profunda divisão digital em capacidade técnica e falharam em colocar os direitos humanos no centro das discussões sobre segurança cibernética.

É hora de corrigir esses buracos, para que possamos substituir as respostas dispersas por uma abordagem sistemática e coletiva. A pandemia enfatizou o quanto todos nós - governos, empresas e cidadãos comuns - dependemos do ciberespaço. Como bem

público, o ciberespaço deve ser seguro e confiável; e por ser um recurso compartilhado, temos uma responsabilidade compartilhada de protegê-lo.

Como cidadãos digitais, todos podemos contribuir para esse esforço mais amplo. O comportamento individual - como ter mais cuidado ao abrir anexos ou encaminhar emails (que podem conter desinformação ou código malicioso) - pode fazer uma diferença significativa. Ao mesmo tempo, os especialistas em segurança cibernética podem ter um grande impacto comprometendo tempo e recursos para ajudar os profissionais de saúde a combater a última onda de ataques. Grupos da sociedade civil, acadêmicos e os media podem aumentar a conscientização sobre as vítimas de ataques e os métodos usados. E as empresas podem fazer mais para assumir a responsabilidade como participantes globais, inclusive garantindo que suas cadeias de suprimentos sejam seguras.

Os governos estão em uma posição única para proteger os cuidados de saúde e outros setores críticos dos ataques cibernéticos. Por meio de canais diplomáticos, de inteligência e de aplicação da lei, os governos têm ferramentas poderosas e sofisticadas para determinar as fontes e os métodos de ataque. Talvez o mais importante seja que, de acordo com as leis e normas existentes, os governos têm obrigações não apenas de não realizar ou apoiar tais ataques, mas também de garantir que setores críticos sejam adequadamente preparados e protegidos.

No mês passado, o Instituto CyberPeace juntou-se a outros ao redor do mundo pedindo aos governos que adotassem totalmente esses compromissos. Agora, mais do que nunca, os formuladores de políticas e instituições estatais devem usar suas capacidades singulares para proteger comunidades e setores vulneráveis e para responsabilizar aqueles que cometem ataques cibernéticos. Os governos devem investir tempo, energia, dinheiro, diplomacia e outros recursos necessários para proteger a infraestrutura e os sistemas dos quais depende a vida econômica, política e civil moderna.

Para ajudar no esforço, o Instituto CyberPeace e outras organizações lançaram o Cyber 4 Healthcare , um serviço direcionado para conectar trabalhadores e organizações de saúde com empresas qualificadas e respeitáveis que oferecem assistência voluntária em segurança cibernética.

Mas isso é só o início. Além de proteger os profissionais de saúde, precisamos encontrar maneiras de ajudar outros setores críticos da infraestrutura civil. Isso significa estender o apoio aos grupos vulneráveis quando eles precisam, responsabilizando os governos e outras partes interessadas por seus compromissos e compartilhar informações amplamente para informar as agências policiais e os formuladores de políticas.

A pandemia do COVID-19 é a mais recente crise global para destacar a necessidade de um ciberespaço mais estável e seguro para todos. Certamente não será o último. Felizmente, quando se trata de ataques cibernéticos, já temos uma cura. É hora de começar a administrá-lo.

Marietje Schaake, ex-membro do Parlamento Europeu, diretora de políticas do Cyber Policy Center na Universidade de Stanford e presidente do CyberPeace Institute.

Stéphane Duguin, CEO do Instituto CyberPeace.

Fonte: **Project Syndicate**

